

ARTIGO

O saldo é positivo na diplomacia



Muitos críticos da política externa imaginam que o governo deveria fazer uma autocrítica de sua atuação no confuso episódio da Embaixada do Brasil em Honduras, que completa três meses sem expectativa de solução.

Para alguns, trata-se de uma das maiores trapalhadas da recente história diplomática do país, dado seu caráter de superexposição na mídia internacional.

O governo não fará isso, até mesmo pelo fato de que é muito difícil assistir a um mea culpa a respeito de questões políticas e diplomáticas muito sensíveis como essa.

O caso trouxe à tona novas críticas à política exterior de Lula, um dos temas que mais despertam paixões nas elites.

Alguns lembram das visitas do presidente a países conduzidos por ditadores, como a que ele fez há dois anos a Burkina Faso, presidida pelo capitão Blaise Compaoré. Na ocasião, o país festejava os 20 anos da ditadura, depois de um golpe que depôs o então presidente marxista Thomas Sankara.

Também são citados a aproximação com Kadafi, os agrados a Hugo Chávez e a atuação brasileira no Haiti, situação que critiquei dizendo que o Brasil tinha que cuidar primeiro da Rocinha.

No entanto, o saldo da diplomacia da Era Lula é inegavelmente positivo. A vitória brasileira na escolha do Rio de Janeiro como sede das Olimpíadas é um prova inconteste.

Até mesmo pelo fato de que a vitória resulta do esforço direto e pessoal de Lula em dezenas de encontros com presidentes e chefes de estado onde ele pediu o voto para o Brasil.

A política do Itamaraty da Era Lula não deve ser julgada pelo acidente de Honduras. O que importa é o conjunto da obra. O Brasil de hoje tem mais peso e importância do que tinha há alguns anos.

A crise de 2008 contribuiu para a alterar o equilíbrio geopolítico que prevalecia no mundo.

Mesmo afetado por seu forte impacto, especialmente na questão do crédito, atingido por uma dura fase de escassez, Brasil – por seus méritos econômicos e diplomáticos – ganhou maior relevância no cenário internacional graças às soluções que adotou.

Quanto a Honduras, o país ficou de “passageiro” das viagens de Zelaya que, de início foi afastado segundo receituário previsto nas práticas políticas tradicionais de seu país. Ainda que o uso da Constituição hondurenha para tirá-lo do poder possa ser questionado em sua forma e na maneira ilegal de deportá-lo.

Pois bem, o equívoco em Honduras, que não é dos maiores, vai passar e cair no esquecimento. Trazer o presidente do Irã para visitar o Brasil, sim, é um gesto de alto risco político para a imagem de um novo Brasil exposta nos parágrafos anteriores.

Expandir os horizontes de nossa diplomacia e de nosso comércio internacional é mais do que necessário. Mas existem países que não merecem tal esforço. O Irã é um deles.

Na pauta externa da Era Lula é possível relacionar mais casos de sucessos e, sobretudo, de criação de novas oportunidades, principalmente com o aprofundamento do diálogo com a África e o Oriente.

Um cuidado maior com a África é mais do que essencial. Somente em Angola vivem hoje 40 mil brasileiros. As chances de incremento comercial e de atração de investimento são cada vez maiores.

Blog do Ricardo Noblat 09/10/09

Reforçar nossos laços com a África, portanto, é não apenas uma missão natural de nossa diplomacia como ação estratégica de interesse do país. Não devemos desperdiçar tal iniciativa nem gastar tempo com questões que não nos dizem respeito diretamente, como Honduras.

A Era Lula se encerra com um saldo extraordinariamente positivo no campo diplomático. Não apenas pela estrondosa vitória com a escolha do Rio de Janeiro como sede das Olimpíadas de 2016.

Mas também pela maior visibilidade do Brasil, pela ampliação do comércio internacional e pela incontestada liderança regional.

Murillo de Aragão é cientista político

[Receba este blog](#)

[Permalink](#)

[Envie](#)

- Compartilhe:
- **[Delicio.us](#)**
- **[Digg](#)**
- **[Technorati](#)**
- **[Stumble Upon!](#)**

[Comente](#) **[Ler comentários \(61\)](#)**